

710 Rp

*Grandes Portugueses*



035

*Dom Fuas Roupinho*

Rp









*Grandes Portugueses*

*Dom Fuaç Roupinho*

*Texto de  
Virgínia de Castro e Almeida*



710-Rp

INCORPORAÇÃO

221

SNF/MS  
303/MS

**COLECCÃO «GRANDES PORTUGUESES»**

- N.º 1 — D. Fuas Roupinho.
- N.º 2 — Fernão Lopes.
- N.º 3 — D. Gualdim Pais.
- N.º 4 — Gil Vicente.
- N.º 5 — Duarte Pacheco Pereira.
- N.º 6 — Luís de Camões.
- N.º 7 — Infante D. Henrique.
- N.º 8 — S. João de Brito.
- N.º 9 — D. Afonso Henriques.
- N.º 10 — Heróis da Tomada de Lisboa.
- N.º 11 — Afonso de Albuquerque.
- N.º 12 — Marquês de Pombal.
- N.º 13 — Santo António de Lisboa.
- N.º 14 — Santo Condestável.
- N.º 15 — S. João de Deus.
- N.º 16 — D. João de Castro.
- N.º 17 — D. Francisco de Almeida.



1

*Dom Fuaa Roupinho*



# *Grandes Portugueses*

DOM FUAS ROUPINHO

Com a história de Dom Fuas Roupinho começamos uma coleção que se chamará «Grandes Portugueses». Ora a História de Portugal, que é a mais linda de todas as histórias, é toda feita de maravilhas, de milagres e tecida de ponta a ponta por grandes homens, génios na guerra, nas altas ciências de mandar e de obedecer, na sabedoria de governar, na ânsia de descobrir, no poder de criar e na rara e esplêndida capacidade de adorar.

Entre tantos génios que levaram a nossa Pátria pequenina até aos confins do mundo e espalharam o nome português sobre toda a face da terra, há uns que são conhecidos de todos nós, há outros ainda ignorados ou que o vendaval dos nossos infortúnios envolveu na poeirada do esquecimento. Falaremos em primeiro lugar destes últimos.

Os historiadores preocupam-se muito com datas, com factos que podem provar por meio de documen-

tos antigos que vão descobrir no fundo de armários bolorentos. Mas nós não somos historiadores, somos contadores de histórias como os antigos trovadores que andavam de terra em terra e de corte em corte, na linda Idade Média, a cantar histórias de amor e de guerra, a exaltar heróis e heroínas, a torná-los tão grandes que rebentavam as prisões dos livros e dos velhos documentos e conquistavam a mais livre e luminosa imortalidade na memória e no coração do povo.

Somos contadores de histórias; e vamos contar as nossas histórias aos rapazes e às raparigas da «Mocidade Portuguesa» que andam nas escolas e sabem provavelmente mais do que nós dos factos oficiais do nosso passado. As minhas histórias não são oficiais; têm os pés cravados na terra sã e fecunda de Portugal, e a cabeça lá muito alto entre as névoas resplandecentes do sonho. Assim tocam nas duas verdades eternas *que são uma só verdade* e que deixam de o ser logo que os homens, na sua cegueira ou na sua loucura, tentam separá-las.



Não sabemos onde nasceu Dom Fias Roupinho nem a data certa do seu nascimento, mas isso que nos importa se sabemos que veio a este mundo em terra portuguesa e que foi contemporâneo de Dom Afonso Henriques?

O que é importante é o facto de ele ter sido um dos mais leais e valentes cavaleiros que tão bem aju-

daram o nosso primeiro rei a conquistar aos Moiros as terras que hoje são a nossa Pátria; e também esse outro facto capital de ter ele sido o primeiro capitão do mar, o primeiro almirante, o primeiro grande marinheiro de Portugal.

Já Dom Afonso Henriques se armara a si próprio cavaleiro na Catedral de Zamora (o que só reis podiam fazer), já tinha vencido a sua mãe e o conde espanhol em S. Mamede, já andara em grandes guerras afirmando o seu valor contra os Espanhóis e os Moiros e em fortes e habilidosas negociações com a Igreja, cujo poderosíssimo auxilio era indispensável à fundação da monarquia, e Dom Fuas, criança ainda, andava a brincar com a garotagem da sua terra que capitaneava em fingimentos de guerras e perigosas aventuras.

Principiava Dom Fuas a aprender o manejo das armas e já se segurava a cavallo como poucos homens feitos, quando se espalharam os primeiros rumores da vitória de Dom Afonso Henriques em Ourique.

As notícias naqueles tempos caminhavam devagar e ao passarem de terra em terra e de boca em boca, iam ganhando mais beleza e mais verdade, porque os corações dos homens eram simples, limpos, iluminados pela fé e tão unidos que a glória do rei era a glória de todos; e também porque os acontecimentos, robustos e claros como os corações dos homens, nestes gravavam fundo as suas linhas e os seus relevos mais belos e mais puros e assim eram transmitidos depois de pais a filhos, como tesouros.

Agora as notícias espalham-se com rapidez incrível; e a estupidez e ignorância dos homens, que se julgam

espertos e instruídos, são tamanhas que todos dão mais importância aos aparelhos que transmitem as notícias do que às próprias notícias. Assim as notícias, pelo caminho, em vez de ganharem beleza e verdade, retorcem-se em mentiras e fealdades porque as corações dos homens se complicaram com absurdas presunções, perderam o respeito, a fé, o espírito de união, e já ninguém pensa em transmitir aos filhos os tesouros preciosos: culto da honra, orgulho da raça e amor da glória, que tornam os povos invencíveis.

À terra de Dom Fuas começaram a chegar notícias da grande batalha de Ourique: pobrezinhos que vinham de outro povoado onde tinham ouvido contar maravilhas, depois homens que diziam vir da guerra. E por fim espalharam-se versos e cantigas de poetas e músicos que andavam de terra em terra cantando as suas trovas de amor e de guerra. Cada qual dizia a história a seu modo: falavam uns de três reis moiros vencidos, outros de cinco. Alguns contavam ter visto passar Dom Afonso Henriques no seu grande cavalo preto seguido por dez reis moiros acorrentados. Diziam uns que não escapara um só infiel e outros asseguravam que os que restavam das hostes moiras desbaratadas, tinham fugido como gazelas doidas de terror diante dos cavaleiros portugueses. Mas uma coisa era repetida por todos da mesma maneira: que na véspera da batalha, no silêncio e sossego da noite, estando Dom Afonso Henriques a cismar, duvidoso, ao comparar as suas poucas tropas com a multidão dos exércitos inimigos que à sua volta cobriam a terra, Jesus Cristo crucificado lhe aparecera num grande clarão de milagre e lhe anunciara a vitória.

Dom Fuas ouvia, calado, estas coisas. Com o coração a estalar de amor pensava naquela aparição do Cristo crucificado; a tremer de entusiasmo pensava na espantosa batalha dos cavaleiros de Dom Afonso Henriques contra as hostes inúmeras do inimigo. Ai! quando lhe seria dado ir para a guerra! Quando teria ele bastante rijeza naqueles braços para brandir uma espada e arremessar uma lança!

Lá na igreja da sua terra havia uma imagem de Nossa Senhora com o Menino, à qual ele ia todos os dias rezar, oferecer-lhe o seu coração, pedir-lhe força e valor para dar a vida inteira ao serviço de Deus e do rei contra os Moiros infiéis. Não pensava senão em se preparar para as batalhas futuras, em aprender a não ter medo de coisa alguma neste mundo.

Aos catorze anos manejava armas com o saber e a habilidade de um homem e não havia cavalo que desse com ele em terra, por mais bravo ou manhoso que fosse. Fugia de casa para ir ter com os cavaleiros que andavam em perigosas montarias aos porcos monteses, aos lobos e outras feras que havia nesses tempos nos campos incultos, charnecas solitárias e emaranhados bosques de Portugal. Já se contavam tais histórias da sua bravura, que chegaram a parecer milagres. A mãe que o estimava muito, dizia a chorar que arriscando ele assim a vida a cada passo, andava a tentar a Deus. E Dom Fuas respondia que estivesse ela descansada pois tinha no seu destino vencer tantos Infiéis, que Nossa Senhora o não deixaria morrer antes de cumprir o seu fado.

O mar tentava-o também. Ia ter com os pescadores e embarcava com eles. Porfiava em aprender o ma-

nejo dos remos, das velas, do leme; e quando o temporal se levantava em dias em que andava no mar alto não tinha maior alegria que aquela de lutar desesperadamente contra a fúria desencadeada das vagas e das ventanias na loucura das tempestades.

Aos dezasseis anos começou a tomar parte em surtidas e escaramuças contra os Moiros, distinguindo-se sempre tanto que em breve, apesar da sua pouca idade, o seu nome se tornou conhecido. Estas batalhas e correrias contra os Infiéis eram muitas, ora aqui ora além; e os cavaleiros portugueses não acolhiam descanso. Mas Dom Fuas Roupinho tinha uma tal vitalidade e era tal a força do sangue que lhe latejava nas veias que, nos pequenos intervalos das batalhas, em vez de descansar, andava em montarias às feras que infestavam os campos. E quanto maior fosse o perigo, quer na guerra, quer na caça, mais contente e feliz ele andava.

Já passava dos vinte anos quando, em 1147, Dom Afonso Henriques com os seus valentes cavaleiros e ajudado por Cruzados estrangeiros, de passagem para a Terra Santa, atacou Lisboa e a conquistou para sempre aos Moiros. Dom Fuas Roupinho aí se houve de tal maneira que Dom Afonso Henriques por suas mãos o armou cavaleiro.

Um dia, andando Dom Fuas Roupinho na companhia de outros cavaleiros numa grande montaria nos campos e matagais que se estendiam de Leiria até ao mar, aconteceu que no correr da caçada se afastou dos companheiros e se achou no meio de um bosque sozinho. E de repente viu passar, numa clareira de frente de si, um veado...

Um veado como ele nunca vira outro igual. Era maior do que um cavalo e a sua armação erguia-se tamanha que mais parecia a ramaria de uma grande árvore seca. Este animal espantoso passou como um raio; mas ao passar, virou a cabeça para trás e fitou Dom Fuas com olhos de maldade, como dois luzeiros do inferno. Dom Fuas ficou assombrado; viu claramente naquele gesto do veado e naquele olhar, um desafio cheio de atrevimento. A besta parecia ter entendimento de gente; parecia rir de troça de modo tão insultante que todo o sangue generoso e bravo de Dom Fuas se levantou a ferver numa fúria de vingança. Logo meteu esporas ao cavalo, que era um nobre animal, e partiu como uma seta atrás do veado. Porém, na espessura emaranhada do bosque, em breve o perdeu de vista.

Parou. Encontrava-se rodeado de arvoredo cerrado, de matagal embrenhado e bravio. Pareceu-lhe que naquele instante de correria doida, andara léguas sem dar por tal. Tudo era solidão e silêncio à sua volta. Não ouvia tropel de cavalos, nem gritos dos outros caçadores, nem latidos de lebres. Ia levar à boca a sua trompa de caça, a ver se alguém lhe respondia, quando um brusco estalar de ramarias à sua esquerda, o fez voltar num sobressalto. E por cima de uma moita, toda iluminada pela claridade vermelha do poente, viu a cabeça do veado que o fitava... a rir! A rir — muitas vezes Dom Fuas o afirmou ao contar esta sua extraordinária aventura —, a rir com tão diabólica expressão de malícia e de triunfo que todo o forte coração do cavaleiro se abrasou de cólera insensata. Lançou-se como louco na espessura do bos-

que, sem saber para onde ia, sem pensar no solo traço-eiro e escondido que os cascos do cavalo pisavam. O matagal espinhoso e cerrado rasgava-lhe o fato e punha-lhe as carnes em sangue, a ramaria áspera fugitava-lhe o rosto, arrancava-lhe os cabelos. Às vezes parava, perdido, sem saber por onde o veado desaparecera; mas apenas o seu espírito começava a sossegar e a razão lhe mostrava a loucura de tal porfia, logo avistava o veado ou lhe ouvia o choque das unhas nas pedras ou a restolhada do mato à passagem do grande corpo... e lá ia, esquecido de tudo, endoidecido de furor.

Nunca Dom Fuas soube quanto tempo durou aquela montaria. O sol parecia parado, todo vermelho, cor de sangue, suspenso do céu a olhar para a corrida ao veado, como se lhe quisesse ver o fim antes de continuar o seu caminho. Quando Dom Fuas parava, o silêncio era tal à sua volta que até se lhe afigurava ter desaparecido todo o sinal de vida da face da terra. Nem o restolhar de alguma cobra ou lagarto entre as ervas, nem um sussuro de insecto, nem o estalar de algum ramo, nem o suspiro da brisa, nem vozes de pássaros... E então, naquele silêncio do fim do mundo, chegava-lhe aos ouvidos o tropel solitário do veado maldito; e via-o passar: às vezes ao longe, na perspectiva confusa da brenha, às vezes tão perto que o grande corpo esgaldado lhe roçava quase no estribo, mas com tal rapidez que ao levantar Dom Fuas a lança, já o veado ia longe, deixando atrás de si o ar empestado de cheiro a enxofre.

Assim, naquela infernal porfia, viu-se de súbito Dom Fuas Roupinho fora do intrincado bosque. À sua

frente estendia-se uma vasta campina deserta, desolada, coberta de pobre e magra vegetação entre a qual aqui e além se erguia um penedo.

Sobre essa campina galopava o veado. De vez em quando parava, olhava para trás, virando a cabeça, como se tivesse entendimento. O sol tingia-o de vermelho; e a enorme armação desenhava-se negra de azeviche sobre a claridade rubra do poente.

Quantas vezes Dom Fuas ergueu a lança, tão seguro de ferir o veado, que todo se alegrava já da vitória certa! Mas no mesmo instante o animal dava um salto prodigioso, sumia-se atrás de um penedo e, por artes mágicas, pois de outro modo não podia ser, surgia muito longe, muito longe...

O cavalo ia ofegante, alagado em suor, branco de espuma, com os flancos ensanguentados pela crueza das esporas. A sua canseira era tamanha que, se não fosse a nobreza do sangue e a lealdade ao amo, já teria caído por terra. E Dom Fuas que tanto estimava a sua montada e tanto a poupava, agora nem dela se lembrava, naquela febre em que ardia.

Para diante! Para diante! Curvado sobre o pescoço do cavalo, lavrando-lhe os flancos com a ponta aguda das esporas, lá ia no encalço do maldito que lhe corria à frente.

Cada vez mais perto, cada vez mais perto... O veado já não olhava para trás, já não troçava. Dom Fuas ouvia-lhe o resfolegar de agonia, reparava-lhe na grande língua pendente da boca aberta, viu-o por duas vezes tropeçar como animal exausto, prestes a succumbir...

Dom Fuas não via mais nada. Só via o veado. Só o veado. Só tinha olhos para ver o veado. Não via que a campina acabava ali, bruscamente, cortada a pique sobre a imensidade do mar, a uma altura tamanha que até a alma se amedrontaria se pudesse medi-la.

E de repente, já na beirinha do terrível abismo, o veado parou um instante, virou a cabeça para trás, soltou uma gargalhada que estrugiu no ar imóvel como as trombetas do dia de Juízo. E logo, erguendo-se nas pernas, a prumo, enorme, espantoso, o veado infernal atirou-se ao abismo.

Dom Fuas ia tão perto e em tão desenfreada carreira que, ao avistar o precipício, logo entendeu que não podia suster o impulso do cavalo a tempo de evitar a queda. E a queda em tal abismo era a morte certa do seu corpo e a perda da sua alma abrasada de cólera e de ódio que são pecados mortais. Naquele instante que lhe restava de vida, entendeu tudo: entendeu que o veado era o diabo que andara a tentá-lo e tramara a sua perdição para livrar dele os inimigos de Jesus Cristo a quem tanto mal fazia e havia de fazer.

Dom Fuas largou as rédeas, largou a lança. Bem sabia ele que nem cavalo, nem armas, nem a própria valentia do seu coração o poderiam salvar. Ergueu as mãos ao Céu e gritou, cheio de certeza:

«— Ai, minha Nossa Senhora, só vós me podeis valer!»

E lá no fundo da sua alma, resplandecente de amor e de fé, surgiu um voto ardente: o de gastar até à última gota do seu sangue naquele combate que

ali começara contra as forças negras e vermelhas do diabo e de todos os Infiéis que o serviam sobre a face da terra.

Então o cavalo, cujas patas se erguíam já sobre o abismo, empinou-se de súbito e ficou imóvel, suspenso por milagre sobre o mar que rugia lá em baixo e se despedaçava contra os rochedos.

O sol perdera a cor vermelha; todo ele se tornara de oiro fino. Do horizonte subiu e espalhou-se uma doce luz rosada que inundava o céu e se esbatia até morrer no azul claro do infinito. Parecia que a terra acordava. Uma brisa passou como um suspiro, toda perfumada. Os ralos começaram a cantar. Encheu-se o ar com as curvas suaves dos voos de gaivotas e andorinhas e com os seus gritos de alegria.

Então Dom Fuas viu uma nuvem branca de neve e toda bordada de oiro, que se formou à sua frente. Sentada nessa nuvem que era um trono, apareceu Nossa Senhora com seu manto de céu azul, com sua coroa de estrelas, com seu divino Filho nos braços. A Virgem Santa e o Menino Jesus resplandeciam de tão maravilhosa e perfeita beleza que o céu inteiro e a terra e o mar vibraram de comoção.

O cavalo rodou sobre as pernas, devagar, e, poisando as patas em terra firme, ficou-se a tremer, de cabeça erguida para a visão como se, por milagre, naquela hora a sua brutidade se tivesse apagado e um entendimento superior lhe iluminasse como um relâmpago o cérebro obscuro.

Dom Fuas apeou-se, caiu de joelhos em terra num transporte de adoração tal que até sentia a alma des-

pir-se do corpo e elevar-se naquele instante, a pairar no espaço luminoso.

Confusamente, no segredo ardente do seu coração, as ideias acudiam, atropelavam-se; dizia de si para si palavras inspiradas:

«Ai, terras de Portugal! Terras de milagre que ides agora a nascer! Sob o signo de Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima, a vossa fama inundará o mundo. Ao raiar do vosso poder, eu sou apenas um humilde servidor, o pedreiro das primeiras horas a colocar as primeiras pedras no fundo alicerce. Guiai os meus passos, minha Nossa Senhora! Sobre esta terra por vós abençoada, sobre este mar sem fim, por toda a parte irei a combater os inimigos do vosso divino Filho e, à sombra da Cruz, de toda a parte do mundo os trarei convertidos à vossa fé!»

E, ao dizer estas palavras, a sua comoção foi tamanha que deu consigo em terra, sem sentidos.

Quando voltou a si ia a raiar a aurora. O cavalo andava ali perto a pastar cardos tenros que nasciam entre os penedos. Não havia uma só nuvem no céu onde as últimas estrelas se apagavam. O mar sossegara e lá em baixo, no fundo do despenhadeiro, marulhava a cantar a sua eterna canção de mistério. Havia no ar voos e zumbidos de insectos e os pássaros iam acordando.

Dom Fuas ergueu-se ainda estonteado daquela visão do Paraíso que lhe fora dada. Não duvidava um instante de ter visto, com aqueles olhos que a terra havia de comer, o esplendor supremo da Rainha dos Céus; e, na sua humildade, perguntava a si mesmo

o que teria feito ou viria a fazer, para merecer uma tal glória.

Andou por ali de um lado para outro; não se podia afastar daquele lugar. A terra ali era áspera, agreste, juncada de penedos e só dando nascimento a cardos e plantas duras e ressequidas. Mas de repente Dom Fuas viu a entrada de uma gruta cavada pelo tempo na rocha. E admirou-se porque, defronte dessa gruta, havia um tapete de erva tenra, verde, toda matizada de malmequeres e de papoilas; coisas de espantar naquela árida desolação! Um ribeirinho de água clara saía da gruta e vinha a sussurrar entre o relvado, sobre um leito de pedrinhas roliças de cores brilhantes.

Pasmado, Dom Fuas aproximou-se e afastou a cortina de trepadeiras floridas que tapavam a entrada da gruta. E logo caiu de joelhos porque, sobre uma laje, lá no fundo, e toda iluminada por uma luz divina, estava uma imagem pequenina de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, representando a visão da véspera.

Com o coração em alvoroço, saiu Dom Fuas Roupinho da gruta depois de fazer a sua oração, montou a cavalo e afastou-se a galope. Durante a sua correria atrás do veado perdera o tino do lugar onde se encontrava; mas agora depressa achou o seu caminho. Só levava uma ideia na cabeça: antes de mais nada queria erguer uma ermida no sítio onde Nossa Senhora lhe aparecera. Chegado à sua terra não descansou enquanto não deu começo àquela obra. Logo para lá despachou trabalhadores e bons pedreiros e em breve sobre o promontório se foram erguendo as

grossas paredes da ermida; e sobre o altar, num rico trono, Dom Fuas por suas mãos colocou a imagem da gruta.

Com o tempo uma aldeia de pescadores foi crescendo lá em baixo, junto da grande praia que ali se estende, e a ermida transformou-se em igreja. E estes foram os princípios da povoação de Nossa Senhora da Nazaré.

Mal se terminara a construção da ermida, e encontrando-se Dom Fuas em Porto de Mós, espalhou-se a notícia de que o emir de Mérida vinha sobre aquela vila acastelada, com grande multidão de gente armada e cheio de soberba, com tenções de retomar todas as terras que os Portugueses tinham conquistado aos Moiros. Esta notícia causou muito alvoroço porque toda a gente conhecia o enorme poder do emir de Mérida cujos exércitos eram imensos e fortíssimos.

Em breve a notícia se verificou. O rei moiro vinha entrando por terras portuguesas como se tudo fosse dele. Por onde passava, deixava morte, ruínas, devastações. Entretanto Dom Fuas Roupinho mandou recolher dentro da vila tudo que pôde dos seus arredores, em gados, caça, frutos, lenhas. E mandou fortificar as muralhas, pondo pedreiros e carpinteiros a trabalhar dia e noite. E armou o melhor que pôde todos os homens e repartiu-os na defesa da vila com muito tino, como bom capitão que era. E andava de um lado para o outro, falando a todos, animando-os, dizendo gracejos, com tal firmeza e fé na vitória que nem um só dos seus homens duvidava dela um instante.

Nem sequer quando, do alto das muralhas do castelo, avistaram o inimigo a avançar, apesar de tal espectáculo ser coisa de meter respeito. Porque os exércitos do emir de Mérida pareciam um mar a crescer direito a Porto de Mós; e por detrás daquelas muralhas só estava uma mão cheia de homens para as defender.

Eram bem poucos os defensores de Porto de Mós comparados com as inúmeras forças do rei moiro. Mas os Portugueses daqueles tempos contavam mais com o valor dos seus corações e com a ajuda do Céu, do que com o número dos guerreiros ou a força das armas. Foi assim que se criou a grandeza de Portugal. A nossa história está cheia de milagres. Sempre o nosso número é inferior ao dos nossos inimigos. Guerras contra o poder dos Moiros, guerras contra os grandes exércitos espanhóis, guerras contra milhões de gentios e Infiéis do Oriente... Por toda a parte umas centenas de portugueses resolutos, seguros de si e da protecção do Céu, venceram inimigos mais numerosos e fortes do que eles. Assim conquistámos o território de Portugal e o conservámos; e assim descobrimos o mundo e estendemos o nosso domínio a tantas terras e a tantos mares. Só perdemos a força quando perdemos a fé em nós mesmos e em Deus, quando soprou de França o vento da Revolução de 1789 com a pestilência do ateísmo e das mentiras democráticas que, sob o falso nome de Liberdade, foram e ainda são as mais pesadas correntes que jamais escravizaram e enganaram os homens sobre a face da terra.

Assim a gente de Porto de Mós via vir os Moiros sem medo. Gente de pé e de cavalo avançavam e enchiam os campos. Sempre mais, sempre mais. Bandeiras desfraldadas, armas a luzir, gritos de guerra. O chão tremia todo.

Dom Fuas Roupinho mandou esconder todos os seus. Quando os Infiéis chegaram perto, não vendo viva alma sobre as muralhas, não ouvindo uma voz, cuidaram que os Portugueses tinham abandonado Porto de Mós. Atiraram-se descuidados contra as portas e ao assalto das muralhas. Foi então que Dom Fuas soltou o seu grito de guerra. No mesmo instante as muralhas se cobriram de gente. Sobre os Moiros espantados caiu uma chuva de pedregulhos, de molhos de lenha a arder, de breu derretido... A matança foi tamanha que o chão em volta das muralhas ficou coberto de corpos de Infiéis.

Por mais vezes tentaram os Moiros escalar as muralhas, arrombar as portas, mas eram sempre recebidos do mesmo modo e nem tem conta os homens que perdiam em cada tentativa. Então o emir de Mérida reuniu os seus capitães e combinaram fazer o cerco a Porto de Mós e reduzir esta vila pela fome.

Os dias foram passando, mas Dom Fuas tinha enchido a vila de muitos alimentos e havia de comer para largo tempo, o que não sucedia aos Moiros. Por onde tinham passado naqueles arredores tinham morto todo o gado e deitado fogo a tudo que encontravam; de modo que agora os alimentos começaram a faltar. E faltaram cada vez mais até que todas as tropas foram sofrendo de fome e mais e mais até que muitos desertaram e outros caíram doentes.

Então Dom Fuas Roupinho e os seus, uma noite saíram do castelo surrateiramente e caíram de surpresa sobre o arraial moiro. Foi uma batalha danada e muitos dos nossos ali perderam a vida; mas os Portugueses levaram a melhor. Os Moiros espavoridos defendiam-se conforme podiam; porém Dom Fuas e os seus eram guerreiros de tal força e habilidade que os Infiéis no escuro da noite, não os podendo contar senão pelos golpes que recebiam, cuidaram que o próprio Dom Afonso Henriques ali tinha chegado com grandes reforços; e cheios de pavor, cuidando-se perdidos, desataram a fugir. Dom Fuas e a sua gente foi sobre eles, ferindo e matando que era um espanto. E quando o alvorecer começou a alumiar a terra, o grande exército do emir de Mérida tinha sido completamente derrotado. No chão os mortos eram tantos que não se podiam contar e os fugitivos corriam tanto que em pouco tempo nem um só ficou em terras portuguesas.

Quando Dom Afonso Henriques soube desta espantosa batalha, logo nomeou Dom Fuas Roupinho primeiro governador de Porto de Mós e lhe deu vastas extensões de terras naquelas regiões. Mas o primeiro cuidado de Dom Fuas depois da batalha foi ir à sua ermida da Nazaré agradecer a Nossa Senhora a grande vitória que ela lhe dera sobre os Infiéis.

Isto foi o princípio das gloriosas proezas que encheram a vida de Dom Fuas. Não faltavam naquele tempo escaramuças, correrias e batalhas entre Portugueses e Moiros. O reino de Portugal ia a nascer; o primeiro trabalho era conquistar a terra, limpá-la de Infiéis e defendê-la. Como em todas as longas

guerras a sorte variava. Muitas terras, vilas e castelos já em nosso poder eram retomados pelos Moiros que de novo as perdiam. Mas Dom Afonso Henriques com os seus valentes cavaleiros e com a ajuda das poderosas ordens religiosas militares que estabelecera em Portugal, ia avançando sempre, estendendo cada vez mais os seus domínios e guardando-os com tal firmeza que muitos nunca mais deixaram de nos pertencer.

Assim Dom Fuas Roupinho passava a sua vida a pelear e cada vez que pegava em armas mais engrandecia e ilustrava o seu nome; e mais cresciam também os seus haveres, porque naqueles tempos os reis sabiam recompensar os que bem os serviam e ajudavam. E não só os nobres. Muitos saíam das suas casas com um chuço nas unhas e tanto se distinguiram nas batalhas que voltavam feitos cavaleiros e começavam uma linhagem de fidalgos. E para isto não era preciso democracias nem «direitos do homem» e outras coisas absurdas e grotescas que se inventaram depois e ainda hoje enganam muitos tolos. Bastava ter-se um coração valente, uma palavra firme, o culto ardente da honra e o desejo de bem servir a Deus e ao rei. A vida era simples; quem merecia a liberdade tinha-a; e cada um pensava mais nos seus deveres do que nos seus direitos. Nascia-se com deveres, mas conquistavam-se direitos.

E para continuarmos a contar a bela vida de Dom Fuas Roupinho, tão livre e tão feliz (de uma liberdade verdadeira e de uma felicidade viril que os homens do nosso tempo nem conhecem), diremos

agora que os Moiros não se contentavam de nos guerrear em terra. As águas de Portugal andavam infestadas de corsários moiros que faziam grandes males em toda a costa, assaltando, roubando, devastando e atacando as embarcações portuguesas de pesca e de cabotagem. E o seu atrevimento cresceu tanto e tomou tão grandes proporções que Dom Afonso Henriques resolveu combater os Moiros no mar também. Para tal fim chamou Dom Fuas Roupinho e encarregou-o de organizar uma frota de guerra. Construíram-se muitas galés e equiparam-se bem e guarneceram-se de gente escolhida; e Dom Fuas tomou o comando dessa frota.

Os Moiros que nesse tempo eram o povo mais poderoso que havia no mar e que na sua guerra de pirataria ainda não encontrara quem o vencesse, viram-se de repente atacados e perseguidos pelas galés portuguesas. Daí por diante tudo mudou para a marinha dos Infiéis. Dom Fuas e os seus marinheiros não lhes davam descanso e nada metia medo àqueles portugueses que, pela primeira vez, se aventuravam a combater no mar os seus inimigos. Quem diria então a tais navegantes, conhecedores apenas de algumas milhas ao largo da costa, que quatro séculos mais tarde teriam descoberto o mundo e possuiriam o domínio dos mares?

Assim andou Dom Fuas com as suas galés a fazer guerra de morte aos corsários moiros. Uma galé contra duas moiriscas? Duas contra quatro ou cinco ou seis? Quem se importava com tal desproporção? Dom Fuas e os seus homens tinham a certeza de vencer; e um homem certo da sua razão e resolutivo

na sua fé vale mais do que dez homens bem armados. A história está cheia de exemplos claros desta verdade.

Ora um dia, já depois de muitas batalhas no mar, saiu Dom Fuas a barra do Tejo levando consigo poucas galés. Ia tudo bem armado e os homens a postos porque Dom Fuas era severo no seu comando e os seus homens tinham presunção em saber obedecer. Mas não havia notícia de navio algum inimigo e aquela viagem era só de patrulha.

Iam pois com seu sossego ao largo do cabo Espichel, quando surgiram velas no horizonte. Era uma grande frota moira; a mais numerosa e possante que jamais os Portugueses tinham visto. As nossas galés ligeiras e rápidas teriam ainda tempo de dar meia volta e procurar abrigo no Tejo; mas Dom Fuas Roupinho nunca virara as costas ao inimigo.

Numerosas eram as embarcações moiras; mais do dobro das portuguesas; mais de dois dobros. E na gávea da capitania flutuava a bandeira de Alfamim, o grande almirante moiro que tinha fama de invencível e cuja nomeada de poder e de bravura se espalhava por aqueles mares. Alfamim vinha ali cheio de soberba, resolvido a dar cabo da frota portuguesa e a atacar Lisboa e Setúbal. E vinha com seu grande poder e bem seguro de si porque até então em cada batalha que pelejara fora sempre vencedor.

Dom Fuas Roupinho não se amedrontou. Encomendou-se a Nossa Senhora, deu as suas ordens para o combate e atirou-se ao inimigo tão firme na sua fé de vitória como se tivesse pela frente duas ou três barcas de pescadores.

Naquele tempo não havia artilharia nem coisa que se parecesse; combates navais eram só à abordagem e à arma branca. Imagine-se o que seria aquela batalha de meia dúzia de pequenas galés contra o poder da frota experimentada do grande Alfamim! Tudo estava nas mãos de Deus.

Dom Fuas logo entendeu que a sua salvação era dar cabo do almirante moiro. Logo viu que a frota moira privada do seu capitão seria como um corpo sem cabeça. Nesse sentido manobrou com habilidade, sempre senhor de si. Aquela batalha, a primeira grande batalha da marinha portuguesa, foi coisa de espantar. Nela se pode ver o sinal com que Deus marcou os Portugueses para o destino que os esperava sobre os mares do mundo.

E aconteceu que Dom Fuas pouco tardou em conseguir o seu intento. De tal arte comandou a sua gente e de tal arte foi obedecido que logo no primeiro ímpeto a capitania moira foi tomada e morto o grande Alfamim. Sem capitão, os Moiros perderam a cabeça, embrulharam-se, e, ao entardecer daquele dia memorável, entrava Dom Fuas Roupinho a barra do Tejo trazendo aprisionados os barcos moiros, pois nem um só deixara de se lhe render.

Dom Afonso Henriques cobriu-o de honras, deu-lhe mais terras e mais poder e disse que ele era o maior capitão do mar. Mas Dom Fuas respondeu:

«Não mereço tanto, pois quem venceu esta batalha foi Nossa Senhora; porque sem Ela que poderia eu ter feito contra tal poder inimigo?»

Animado por esta grande vitória e aproveitando o terror que o seu nome agora inspirava aos Infiéis,

Dom Fuas aprontou uma frota e partiu à busca de mais inimigos. Como encontrasse o mar limpo de piratas ao longe da costa, resolveu-se a ir até Ceuta desafiar os Moiros naquele seu porto, o que era empresa muito arriscada. Aí encontrou muitas galés moiriscas e atirando-se a elas de surpresa, fez uma grandíssima mortandade entre a marinhagem inimiga aterrada; e voltou a Lisboa triunfante com um grande número de belas embarcações moiriscas.

O seu nome andava de boca em boca e já não se viam piratas nas costas de Portugal. Falar de Dom Fuas a marinheiros moiros, era o mesmo que falar-lhes do demónio porque todos eles o temiam como a um ser com poderes de outro mundo.

Mas tudo tem um fim na terra e Dom Fuas coberto de glórias acabara a tarefa que lhe competia para a grandeza de Portugal e chegara ao termo do seu soberbo destino.

Poucos meses se tinham passado depois desta sua façanha em Ceuta, quando Dom Fuas armou galés e foi de novo pelo mar fora para o sul, à caça de piratas. Dobrara o cabo de S. Vicente quando sobreveio um medonho temporal. A crista das ondas parecia tocar nas nuvens, as águas cavavam-se como abismos e o vendaval era tamanho que ameaçava varrer as embarcações como se fossem grãos de areia.

Dom Fuas logo entendeu que as suas galés não poderiam lutar contra tal tempestade. Resolveu-se a ir procurar abrigo em Ceuta pensando que, assim como da outra vez, venceria as embarcações moiriscas que lá encontrasse e que, entretanto, o temporal amainaria.

Ora aconteceu que no porto de Ceuta estavam nessa altura cinquenta e quatro galés fortes e bem armadas. Dom Fuas não hesitou. Que havia de fazer? Ou atacar aquele grande poder com as suas vinte galés ou render-se aos Infiéis. Render-se? Nem tal ideia lhe passou pela cabeça. Enquanto nas veias lhe corresse uma gota de sangue nunca os Moiros lhe deitariam a mão.

Encomendou a sua alma a Nossa Senhora e atacou. Durante muitas horas combateu sem descanso. À sua volta amontoavam-se os inimigos mortos. A sua espada faiscava como relâmpagos e parecia que o seu braço não conhecia o cansaço. As proezas espantosas que ele e os seus companheiros ali fizeram nem se podem contar. Já o dia declinava e já os Moiros assombrados, principiavam a duvidar da vitória, quando Dom Fuas Roupinho caiu, trespassado por uma lança arremessada, nunca moiro algum soube por quem.

Assim acabou Dom Fuas; e ninguém poderia desejar-lhe melhor morte. Morreu a pelear contra os inimigos da sua fé conforme a promessa que fizera a Nossa Senhora. Isto foi no ano de 1182 ao raiar da nacionalidade portuguesa: há oito séculos. O seu nome atravessou a história de Portugal e ainda hoje se conserva cheio de vida nas nossas memórias e nos nossos corações: Dom Fuas Roupinho, o primeiro almirante português, o primeiro na gloriosa e grande lista dos marinheiros de Portugal.



EST. DA COMUNICAÇÃO SOCIAL  
BIBLIOTECA  
SEC.

2445

EDIÇÕES  
S. N. I.  
PORTUGAL

BNP



EFG0000798983

S. N. I.

*número 1*

710